

BATATA - SINOPSE VIRTUAL

03/2018

Adivinhe “quem foi o vilão” do aumento da cesta básica em Curitiba

Data: 07/02/2018

Disponível em: <https://massanews.com/noticias/economia/adivinha-quem-foi-o-vilao-do-aumento-da-cesta-basica-em-curitiba-8DLax.html>



Tomate ou batata? Os dois itens importantes nas refeições dos brasileiros sempre aparecem como aqueles que impactam diretamente o preço da cesta básica e se alternam no posto de “vilão”, ao apresentar um aumento significativo.

Em janeiro de 2018, o tomate foi o vilão da vez em Curitiba, com aumento de 67,20% na comparação com dezembro do ano passado. Já a batata teve queda de -0,84% no mês passado. Os dados são do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), que calculou o preço da cesta básica em 20 capitais brasileiras.

O custo dos produtos que fazem parte da cesta básica aumentou 6,61% em janeiro deste ano, com valor de R\$ 399,72. Apesar disto, a variação anual (janeiro de 2017 a janeiro de 2018) foi de 0,51%.

A cesta de Curitiba foi a oitava mais cara do país no primeiro mês do ano. Porto Alegre teve a cesta “campeã”, com o custo de R\$ 446,69.

Confira a variação de cada item da cesta básica em janeiro de 2018, em Curitiba:

Carne: + 2,01%

Leite: + 2,02%

Feijão: - 0,27%

Arroz: + 0,42%

Farinha: - 2,43%

Batata: - 0,84%

Tomate: + 67,2%

Pão: + 0,73%

Café: + 0,54%

Banana: + 5,06%

Açúcar: + 0,83%

Óleo: + 1,26%

Manteiga: + 1,76%

Preço da batata tem variação de 215% nos mercados

Data: 02/02/2018

Disponível em: <http://www.jj.com.br/noticias-53754-preço-da-batata-tem-variação-de-215-nos-mercados>

A batata e o tomate registraram as maiores diferenças nas pesquisas de preços do Jornal de Jundiáí nesta semana. A batata foi encontrada nos mercados entre R\$ 1,58 (Paulistão) e R\$ 4,99 (Pão de Açúcar), diferença de 215%. O produto também teve uma leve alta no menor preço, em comparação à semana anterior, quando o valor mínimo cotado foi de R\$ 1,19.

O preço do tomate está variando 159% nos mercados, entre R\$ 2,69 (Tenda) e R\$ 6,99 (Pão de Açúcar). Na média, esta semana o produto apresenta preços mais baixos comparados à semana passada.

Outro produto que chama a atenção nesta semana é o feijão, com preços entre R\$ 1,75 (Giga) e R\$ 3,39 (Boa e Pão de Açúcar), variação de 93%. Na semana passada, o menor preço encontrado foi de R\$ 1,95.

Pesquisa

Desde o dia 5 de agosto, o JJ Regional divulga a pesquisa de preços da cesta básica do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) feita nos principais supermercados. A coleta dos preços é feita às sextas-feiras e o critério é o menor preço do produto, independente da marca.

Preço baixo preocupa produtores de batata

Data: 05/02/2018

Disponível em:

http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2018/02/economia/609791-preco-baixo-preocupa-produtores-de-batata.html



Preço pago pela saca fica entre R\$ 30,00 e R\$ 35,00, montante que não cobre, ainda, o investimento feito.

Ainda impactada pelos preços abaixo do custo de produção recebidos em 2017, a cadeia produtiva da batata no Rio Grande do Sul teme ver se repetir o cenário neste ano. Com boa parte da primeira colheita já realizada nas regiões que fazem duas safras, a saca segue girando em torno dos R\$ 30,00 a R\$ 35,00, valor que não cobre, ainda, o investimento feito. A expectativa, porém, é de que os valores subam nas próximas semanas com a redução na entrada de tubérculos de outros

estados, que já se encaminham para o fim de sua temporada. "Por enquanto, está muito ruim, pelo segundo ano seguido. Dois anos assim é difícil segurar", lamenta o produtor Marcelo Tramontin, de São José dos Ausentes, município que é um dos três maiores produtores de batata no Estado, junto com Bom Jesus e São Francisco de Paula, todas nos Campos de Cima da Serra. Ao contrário de outros locais também tradicionais produtores, como Ibiraiaras, que fazem duas safras por temporada, a região mais fria do Estado tem uma colheita apenas, que se inicia agora e pode se estender até maio. Pelo preço atual de venda, segundo Tramontin, os agricultores saem com prejuízo de quase R\$ 10,00 por saca vendida, situação que se agrava pelas perdas da safra passada, quando, embora o seu custo de produção tenha ficado em R\$ 38,00 por saca, chegaram a vender o conjunto por R\$ 13,00. Outro produtor, Alexandre Fais, de São Francisco de Paula, ressalta que o investimento na produção nesta safra gira em torno de R\$ 25 mil a R\$ 30 mil por hectare, de maneira que, apenas para empatar o desembolso, os produtores teriam que conseguir preços de R\$ 60,00 por saco, quase o dobro do atual. Caso a situação não melhore, Fais não descarta ter de repetir o mais indesejável dos quadros vistos no ano passado, em que os produtores chegaram a não colher o tubérculo para evitar, pelo menos, os custos com a colheita em si. "Neste ano, está um pouco melhor o preço de venda, mas nossos gastos também subiram", comenta Fais, que planta 350 hectares. "E com gás, energia, combustível mais caros, tudo chega mais caro na prateleira. As duas pontas pagam a conta, tanto o consumidor quanto o produtor", acrescenta. Em termos de qualidade e produção, a safra gaúcha deve se confirmar dentro de uma normalidade histórica. O impacto maior tem vindo na ponta do consumo, ao contrário de 2017. No ano passado, segundo o técnico agrícola da Emater-RS em São José dos Ausentes, Orlando Junior Kremer Velho, a baixa cotação teve a ver com a safra ter sido cheia em todo o País. "Historicamente, sempre dá algum problema em algum lugar. No ano passado, não, e isso impactou o preço", comenta. Neste ano, porém, houve problemas de cheias em algumas regiões e de estiagem em outras, minando os reservatórios e prejudicando a irrigação, o que, segundo o técnico agrícola, tenderia a melhorar os preços daqui para a frente. Apesar disso, os preços ainda não reagiram - e, na sua opinião, nem parecem ter força para reagir, porque o consumo também caiu. Segundo o produtor, na Ceasa de São Paulo, por exemplo, que em situações normais comporta a entrada de 80 caminhões por dia, há dias em que estariam entrando apenas 30 - que, mesmo assim, não conseguem preço razoável. Um atenuante

relativamente inesperado, de acordo com o produtor, tem sido o aparecimento de compradores argentinos, cuja demanda por batata brasileira não é regular. De acordo com Velho, o motivo é que o tubérculo argentino sofreu com a qualidade neste ano. O consumo por lá também é mais constante, por motivos culturais. Caso se confirme o novo prejuízo, os produtores gaúchos possuem outra preocupação, que é o alto investimento nas lavouras de batata. Velho lembra que maquinários, por exemplo, são caros e específicos para a cultura, o que dificulta que os produtores migrem para o cultivo de outra espécie. O cenário será pior para quem entrou na cultura mais recentemente, tendo em vista os anos rentáveis que se sucediam até 2016. "A cada quatro anos, temos pelo menos um ano ruim, e o produtor tem que entender isso, desde o início saber que não são sempre anos de glória", argumenta Velho. Fais acredita que, para quem sobreviver ao ano, a tendência é de que a próxima safra seja melhor, pela provável queda na área plantada, mas ressalta que a confirmação da previsão depende da retomada da economia e, por conseguinte, do poder de consumo do brasileiro.

Cargill e AKV Langholt investem na fábrica de fécula de batata de US \$ 22,5 milhões na Dinamarca

Data: 30/01/2018

Disponível em: <https://www.potatopro.com/news/2018/cargill-and-akv-langholt-invest-usd-225m-potato-starch-factory-denmark>

A Cargill e o seu parceiro dinamarquês de amido de batata, AKV Langholt AmbA, estão investindo US \$ 22,5 milhões de dólares (19 milhões de euros) em uma nova unidade de produção de amido de batata na fábrica Langholt na Dinamarca.

Os amidos de batata produzidos na nova instalação ampliam o portfólio de amidos nativos funcionais da Cargill SimPure™.

Os amidos SimPure apresentam ingredientes de uma variedade de fontes botânicas, proporcionando aos fabricantes de alimentos e bebidas o acesso aos consumidores reconhecíveis e simples que os consumidores exigem, ao mesmo tempo em que realizam a tolerância

necessária aos processos, a vida útil de varejo e a capacidade de armazenamento.

A planta espera iniciar as operações em meados de 2018.

Simon Waters, líder mundial em amido de alimentos, Cargill:

“Este investimento demonstra o compromisso da Cargill em fornecer nossa comida fabricação clientes os amidos nativos funcionais que precisam para atender a demanda dos consumidores etiqueta-consciente de hoje.”

“A demanda dos consumidores por produtos feitos com ingredientes familiares, confiáveis está aumentando rapidamente.”

“No entanto, estes os ingredientes também devem suportar as diversas condições de processamento do processamento moderno. ”

" Comprendemos essas necessidades concorrentes e estamos usando técnicas de processamento de última geração, tornando realidade as soluções de amido com etiqueta. "

Este último investimento amplia o portfólio de amido da Cargill, que inclui amidos nativos e funcionais nativos e modificados.

Cada linha de amido é projetada para melhorar a textura e a estabilidade dos alimentos do dia a dia, incluindo batatas e revestimentos, pós de pudim, sopas e molhos de mistura seca, carnes processadas, misturas de padaria, pratos prontos, pastas cremosas e enchimentos, molhos para saladas e alimentos para animais de estimação.

Comerciante aposta em batatas fritas para lucrar no 'Capital da Fé'

Data: 07/02/2018

Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/comerciante-aposta-em-batatas-fritas-para-lucrar-no-capital-da-fe.ghtml>

três dias para o início do 'Capital da Fé', trabalhadores correm para deixar tudo pronto na Vila Olímpica, ao lado do estádio Nilton Santos. Mas não é só lá que tem gente trabalhando. Em casa, a Amanda Braz Aguiar está com os preparativos a todo o vapor. Ela vai apostar na batata frita para ganhar um dinheiro extra. (Veja o vídeo)

A expectativa é vender entre 200 a 300 porções por noite. "Será uma renda extra e além disso, vamos alcançar um maior público porque, como a gente trabalha só aos domingos na Feira do Bosque, são poucos os nossos clientes. A gente vai atingir um número maior de pessoas".

Mais de 70 comerciantes devem vender comida no local. A festa está marcada para começar no próximo sábado (10) e a prefeitura garante que estará tudo pronto antes do início do evento. "Nós temos um túnel, onde todos os estandes vão ficar virado para o evento e do lado direito do palco vão ficar os food trucks", explicou o representante da Agência de Turismo, Euzimar Assis.

Para receber as mais de 20 atrações da festa, estão sendo montados dois palcos. A ideia é reduzir o tempo de espera entre uma apresentação e outra, já que serão vários shows por noite. Vão subir ao palco importantes nomes, como padre Fábio de Mello, Fernandinho, Cassiane, Damares e Bruna Karla. A festa segue até dia 14.

Quem se prepara para ganhar dinheiro, já faz planos com a renda extra. "Meu sonho é de ter um food truck. Agora veio a oportunidade, a gente agarrou e agora é trabalhar bastante. Se Deus quiser, vai dar tudo certo, para a gente estar nas ruas", disse Amanda.



Amanda espera lucrar com venda de batatas fritas no Palmas Capital da Fé (Foto: Reprodução/TV Anhanguera)

Japão - Batatas fritas voltam com mais volume

Data: 09/02/2018

Disponível em: <http://www.portalmie.com/atualidade/noticias-do-japao/economia/2018/02/batatas-fritas-voltam-com-mais-volume/>

Uma das maiores fabricantes de batatas fritas do Japão, Koikeya, voltou com força total e aumento de volume para agradecer os fãs pela espera.



Desde segunda-feira (5) as batatas fritas da Koikeya voltaram a aparecer nas gôndolas dos supermercados e lojas de conveniência. Com aumento de 10% a 20% no volume, os tradicionais 21 sabores voltam pelo mesmo valor de antes, até a primavera. A fabricante quer agradecer seu público por esperar tanto tempo.

Durante a crise das batatas, por conta dos danos causados pelos tufões em Hokkaido, os fãs continuaram enviando mensagens de apoio para a empresa.

A fabricante anunciou que ampliou a área de compras da sua principal matéria-prima que são as batatas.

O pacote de 60 gramas da batata frita sabores sal e nori com sal estão sendo oferecidos com 72 gramas.

Hokkaido produz cerca de 80% da batata no país. A província foi danificada pelos tufões de agosto de 2016. Assim, tanto a Koikeya quanto a Calpis foram obrigadas a suspender as vendas de alguns dos seus produtos. Por conta disso, a Koikeya teve influência negativa na gestão, incluindo queda no faturamento e lucros do exercício 2017.

Componente da batata frita do McDonald's cura calvície, diz cientista

Data: 05/02/2018

Disponível em: <https://www.metropoles.com/mundo/ciencia-e-tecnologia-int/componente-da-batata-frita-do-mcdonalds-cura-calvicie-diz-cientista>



Um produto químico utilizado na batata frita do McDonald's pode curar a calvície e fazer o cabelo crescer, garantem os cientistas da Universidade Nacional de Yokohama, no Japão. Em laboratório, os estudiosos utilizaram o dimetil polissiloxano, presente no produto da cadeia de fast food, e conseguiram crescer pelos em ratos.

Os cientistas conseguiram produzir em laboratório germes de folículos capilares utilizando, entre outras coisas, essa substância. "A chave para a produção em massa do folículo foi a escolha dos substratos. Usamos o dimetil polissiloxano na base da cultura e funcionou muito bem", contou o professor Junji Fukuda ao jornal Daily Mail.

Estudos preliminares mostram que a fórmula tem grande potencial de funcionar em humanos. O desafio, no entanto, segundo o professor, é a preparação desse substrato em larga escala. “Esse método é muito promissor e robusto. Esperamos que essa técnica melhore as terapias regenerativas e combata a perda de cabelo”, diz.

O McDonald's já havia revelado, em uma série de vídeos na internet, que utiliza o produto nas frituras. O dimetil polissiloxano é um silicone não tóxico que evita a formação de espuma durante a fritura. Além de estar presente nas batatas, ele aparece em shampoos, óleos e massinha de modelar.

No Ruanda, Kinigi ainda é a principal variedade de batata no mercado

Data: 27/01/2018

Disponível em: <https://www.potatopro.com/news/2018/rwanda-kinigi-still-leading-potato-variety-market>



Novas variedades de batata são necessárias em Ruanda para atender às demandas atuais do mercado. No entanto, a variedade de batata Kinigi ainda é favorita entre os agricultores, bem como na comunidade de consumidores de batata.

Com onze variedades de batata agora criadas e cultivadas em Ruanda, a variedade de batata Kinigi manteve sua posição de liderança no mercado.

De acordo com Anastase Nduwayezu, pesquisadora em patologia da batata no Ruanda Agricultural Board (RAB) na zona de Musanze, desde que essa variedade foi introduzida, foi amplamente apreciada pelos agricultores. Nduwayezu atribuiu isso a seus traços notáveis em comparação com outras variedades, como sua doçura e seu alto teor de matéria seca - algo que é necessário para o processamento - e o fato de que esta variedade pode ser armazenada por um longo período de tempo.

Kinigi também é considerado resistente a doenças, como Mabondo e Cruza, em comparação com Kirundo, que foi considerado propenso a diferentes patologias de batata. É amplamente cultivado na província do norte e em outras regiões do país.

Processadores como Winnaz em Musanze, no ano passado, durante uma visita de campo pelo International Potato Center juntamente com o RAB na área, admitiu que Kinigi era seu favorito quando se trata de fazer crisps sobre as outras variedades disponíveis no Ruanda.

Alguns agricultores em Musanze também testemunharam que Kinigi era o mais preferido devido ao fato de que financeiramente, traz mais dinheiro para um fazendeiro depois de vender do que outras variedades como Kirundo, Mabondo, Cruza, Sangema entre muitos.

Diz-se que é pesado, e para um fazendeiro que vende sua colheita no centro de coleta, um quilograma de Kinigi pode ir para Rwf170 (US \$ 0,2), enquanto as outras variedades ficam em Rwf120 (US \$ 0,15) e menos.

Embora outras variedades possam ter rendimentos mais elevados, como foi provado durante os ensaios realizados pelo RAB, muitos agricultores querem crescer Kinigi porque tem mais vantagens em relação ao resto.

Para Alphonse Manikiza, um agricultor em Musanze, outras variedades podem ser cultivadas para comer e Kinigi para fins econômicos, de modo a encontrar um equilíbrio entre obter comida para a família e vender para obter renda.

A batata é uma das culturas prioritárias no âmbito do Programa de Intensificação de Cultivos do governo destinado a aumentar a segurança alimentar no Ruanda. A batata irlandesa é cultivada em todas as partes do país com Cruza amplamente cultivada na província do sul e Kinigi no norte. A batata também é considerada como alimento básico em Ruanda e em todo o mundo.

O governo também colocou muito esforço na adição de valor à produção de batatas no Ruanda através de processamento agropecuário que leva

à proliferação de fábricas de processamento de batatas, produzindo agora produtos de valor agregado para fins principalmente de exportação. Com este esforço, os fazendeiros de batata têm a certeza de se preparar para o mercado de seus produtos, além de melhorar seus meios de subsistência.

Peru: A Província de Huanuco exportaria batatas para o Brasil

Data: 21/01/2018

Disponível em: <https://www.potatopro.com/news/2018/perú-la-provincia-de-huanuco-exportaría-papa-al-brasil>



A fim de expandir novos mercados para a batata, o Governo de Huanuco Regional, através da Gestão de Desenvolvimento Econômico, realizou uma reunião com funcionários do Departamento de Promoção de Exportações da PromPerú, apresentando uma oportunidade para exportar mercado da batata locais Brasileiro

Tito Jaime, Gerente de Desenvolvimento Econômico, se reuniu com funcionários Luis Alberto Torres Paz e Ricardo Limo Castelo PromPerú, onde um roteiro foi criado para trabalhar a nível da administração regional e local, permitindo assim iniciar acordos comerciais para Agosto com o estado do Amazonas no Brasil.

Como ponto de partida, a PromPerú comprometeu-se a determinar a demanda do produto no Brasil e, por sua vez, o Governo Regional, através da gestão do Desenvolvimento Econômico, apresentará informações sobre oferta, qualidade, volume, época de colheita, organizações de produtores e empresas que participam da cadeia produtiva.

"Vamos preparar uma plataforma de negócios, entre muitos serviços, iremos organizar um evento em Huanuco para explorar oportunidades de negócios e experiências de exportação para o mercado brasileiro, onde as organizações de produtores, empresários, empresários, governos locais e os governos regionais vizinhos serão convidados . Vamos realizar uma missão comercial de empresários brasileiros para Huanuco e também estamos negociando uma missão comercial para o Brasil ", disse Jaime Hidalgo.

As reuniões de coordenação de novos mercados começaram após a participação na reunião no âmbito da implementação do Plano Regional de Exportação Estratégica de Huánuco - PERX 2018 - 2025, informou a INFOREGIÓN.

Por que é difícil instalar uma planta de processamento de batata no Peru?

Data: 19/01/2018

Disponível em: <https://www.potatopro.com/news/2018/?por-que-es-dificil-instalar-una-planta-de-procesamiento-de-papa-en-peru>



Quão difícil é instalar uma planta de processamento de batata no Peru? Sabe-se que temos uma variedade de batata bastante rica, além de uma produção abundante. O próximo passo no livro de instruções seria instalar uma planta.

Há uma semana, uma greve de dois dias iniciada pelos agricultores, que acusaram a importação de batatas pré-fritas congeladas, principalmente da Holanda, de concorrência desleal.

A superprodução de batatas foi comprada pelo Estado e o problema foi resolvido. A questão, no entanto, continuou a tremer no ar: se temos muitas batatas, por que importamos em vez de produzir nosso próprio congelado pré-fritado?

Limitações

Apesar do fato de importarmos batatas a partir daí, "o Peru não pode exportar batatas para a Holanda", revelou a Gestion.pe Jhonatan Bringas, gerente de vendas internacional da Stet Holland BV, empresa holandesa que desenvolve variedades de batata para produção e exportação.

O primeiro motivo é bastante simples: não temos uma fábrica de processamento, razão pela qual é impossível vendê-lo como um produto de varejo.

O segundo é um pouco mais grave: limitações de saúde.

A batata é uma espécie que absorve muitas propriedades da terra onde foi cultivada. Naturalmente, sua epidemiologia é diferente da holandesa. Em suma, eles podem transmitir cepas ou doenças que não existem na Europa, disse Bringas. Isso e aquilo no Peru, a produção de batatas não é certificada.

Outra limitação é a baixa produtividade do tubérculo nas terras peruanas. Em comparação com as 60 toneladas por hectare produzidas na Holanda, o executivo estima que, no Peru, a produção é de cerca de 19 toneladas.

"Você poderia colocar uma fábrica no Peru, mas duvido que todas as grandes empresas do mundo o façam, estão todas na Argentina porque há muito mais barato produzir batatas", explicou.

Que necessitamos?

Se você quiser instalar uma planta de processamento de batata congelada pré-congelada no Peru, a primeira coisa que é necessária é profissionalizar a agricultura.

"É necessário certificar a produção de batatas, da semente, além de dar aos agricultores a possibilidade de fazer estudos sobre o solo, entre outras coisas", observou o especialista.

Ou seja, não é bom instalar a planta se a batata não puder ser vendida porque não está certificada. Uma vez que isso seja alcançado, o investimento começa.

Configurar uma fábrica não é uma tarefa simples, mas se você consegue obter tudo o que precisa e habilitar uma cadeia de logística que permita a distribuição do tubérculo em toda a região, apenas temos um terceiro problema: a quem vendemos a batata?

"Se os exportamos, você estaria competindo com os grandes processadores, tanto no preço quanto na qualidade", disse Bringas.

Super colheita

O problema que afligiu os fazendeiros de batata foi a produção excessiva do tubérculo. De repente, colhemos mais batatas do que poderíamos consumir. Portanto, os preços caíram.

O detalhe é que, ao se profissionalizar, a produção de batata aumentará consideravelmente, gerando o mesmo fenômeno que você deseja evitar.

"Se é tecnificado, é necessário um destino para a batata, pois, de outra forma, os preços do mercado vão diminuir devido à superprodução e os agricultores ficarão sem venda, e então o Estado comprará a batata. Essa batata?", Disse o executivo.

Tudo isso sem contar que uma produção muito copiosa poderia danificar o chão. Portanto, antes, mesmo pensando em uma fábrica de processamento, a melhor tarefa poderia ser descobrir quem vender esse produto.

"Você precisa encontrar uma maneira de exportar, há um mercado, mas tem que ser aberto", concluiu o especialista.